

SAÚDE PSICÓLOGA DE SÃO JOSÉ CHAMA A ATENÇÃO PARA OS PROBLEMAS EMOCIONAIS QUE OS MORADORES DE BRUMADINHO ENFRENTAM



Lucas Lacaz Ruiz

QUEM FICOU ESTÁ QUASE MORTO-VIVO

Psicóloga clínica, Viviane Lizandra foi voluntária em Brumadinho e pensa em voltar: “a preocupação é a de aparecer quadros depressivos, desorganização neurológica”

Não há como mensurar como cada um vai lidar com isso, a vivência da tragédia. É a longo tempo. Muitas delas não conseguem enterrar os entes queridos. Todos vivem esse sentimento juntos, eles se conhecem. É cidade pequena.

Quase todo mundo perdeu alguém: familiar, amigo, vizinho. Já há grau de depressão aparecendo por não terem perspectiva de vida. Tudo se arrasou: emocional, referências sociais, a questão comunitária não existe mais. Perderam a dignidade.

A maioria entendeu que não vai encontrar mais vivo, mas quem não achou o corpo o luto fica aberto. O sofrimento vai ser inevitável.

Estive lá como voluntária. Me inscrevi num site e fui convocada para trabalhar. Fui na segunda semana, de quarta a domingo.

Me deparei como uma realidade bastante sofrida. Os mais ribeirinhos daquela comunidade têm dificuldade de tudo, completamente perdidos.

Fala-se em lama, mas são resíduos tóxicos. A contaminação é grande. A minha preocupação é de aparecer quadros depressivos, desorganização neurológica, é questão química. Não se fala nisso. Quero voltar daqui uns dois meses para ver como está.

Eles têm sentimento dubio. Estão revoltados com a Vale, mas era o único sustento deles. Emocionalmente é difícil enfrentar isso.

Uma carga muito pesada. Pode acabar com a cidade.

12

MILHÕES

de metros cúbicos de lama vazaram da barragem, equivalente a 4.800 piscinas olímpicas



Lucas Lacaz Ruiz

Drama. Cenário trágico abala o coração do Brasil



Lucas Lacaz Ruiz

Vítimas. Cento e setenta e sete corpos já achados

Nesse momento, os moradores estão sendo vistos, a notícia está quente. Agora isso vai diminuindo e começa a entrar em contato com o vazio das perdas, as depressões, o choro intenso. Tem que ter muita atenção à saúde pública.

Nunca havia atuado numa tragédia. Acho que fiz o mínimo e as pessoas precisam de muito mais. É um bom aprendizado para dar suporte a outras pessoas depois desse momento. Colocar em prática todo conhecimento. É um grande desafio.

Um bombeiro me disse: “Meu trabalho é importante e foco nele para dar dignidade às pessoas. Mas o trabalho da senhora é falar com essas pessoas. Eu não falo”.

O problema é de quem fica. Está quase um morto-vivo. A pessoa comemorava o primeiro emprego do filho, a filha feliz no restaurante da empresa, relatos significativos, e agora essas pessoas vão tentar sobreviver com a perda. É um cenário devastador.

Tenho medo do que pode acontecer por lá se o governo não ficar em cima. O dinheiro tem que vir para outras coisas. As pessoas estão sendo separadas, e elas querem ficar juntas. Aquela comunidade onde elas cresceram se desmanchou e perderam a referência. Seria um bom nível de reconstrução humana se eles reerguessem a comunidade toda em outro lugar.

Vi um governo mais firme agora do que no caso de Mariana. Isso traz esperança. ■

Por Viviane Lizandra de Oliveira